

A PESQUISA MILITANTE “A JUVENTUDE TRABALHADORA DA EDUCAÇÃO”: UMA PARCERIA ENTRE A CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO E A ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE

Bruno Vital¹

Luiz Felipe Krehan²

Rafael Versolato³

Vitor Alcantara⁴

RESUMO: Este artigo apresenta a pesquisa “A juventude trabalhadora em educação” realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação e a Escola Nacional Paulo Freire. Para produzir conhecimentos sobre a juventude trabalhadora da educação e sua relação com o sindicato, a fim de auxiliar as ações sindicais, o tipo de pesquisa realizado foi a *pesquisa militante*. Assim, o objetivo deste artigo é apresentar a especificidade de uma *pesquisa militante* (sua contextualização e principais características) e o processo de sua elaboração e execução pela CNTE e ENPF.

PALAVRAS-CHAVE: juventude, sindicalização, pesquisa militante, CNTE, ENPF.

Introdução

É forçoso admitir que uma das principais marcas do governo posterior ao *impeachment* da presidenta Dilma, em 2016, foi a chamada Reforma Trabalhista, com a Lei nº. 13.467/2017.⁵ Uma vez que essa Lei operou um substancial processo de mudanças normativas da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), seus efeitos alteraram significativamente o mundo do trabalho. A título de ilustração, pode-se mencionar a alteração da representação coletiva dos

1 Professor da rede estadual do Rio Grande do Norte. Coordenador geral do SINTE/RN e coordenador do Coletivo de Juventude da CNTE.

2 Professor de História da rede estadual de São Paulo formado pela UNIFESP. Coordenador do Coletivo de Juventude da APEOESP e CNTE.

3 Educador popular. Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e integrante do Setor Pedagógico da Escola Nacional Paulo Freire.

4 Escola Nacional Paulo Freire.

5 Cf. BRASIL. Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm. Acesso em: 20 jan. 2025.

trabalhadores nas negociações trabalhistas e a transformação estrutural das organizações sindicais, sobretudo no que diz respeito ao financiamento.⁶

O regramento jurídico que regulamentava a associação da classe trabalhadora no Brasil se iniciou em 1930 e foi incorporado como lei (CLT) nos anos 1943, modificada recentemente pela reforma trabalhista de 2017 supramencionada. Assim, convém considerar um panorama recente para identificar a densidade sindical ou taxa de filiação:

O primeiro ponto a se destacar sobre a evolução recente da filiação sindical no Brasil refere-se à quantidade de filiados em relação à população ocupada total. (...) observa-se que a população ocupada cresceu de 89,2 milhões em 2012 para 99,6 milhões de trabalhadores em 2022, o que representou uma variação total no período de 11,6%. Por sua vez, a população ocupada sindicalizada apresentou trajetória bastante distinta no mesmo intervalo de tempo: após marcar 14,4 milhões em 2012, e atingir seu pico no ano seguinte, finalizou a série com apenas 9,1 milhões de trabalhadores filiados. Ou seja, houve perda líquida de 5,3 milhões de filiados no período, e, em termos relativos, queda de 36,6%. Consequentemente, a taxa de filiação seguiu o mesmo fluxo de retração: de 16,1% em 2012 para 9,2% em 2022, finalizando com o menor índice da série, em um patamar abaixo da média dos países da OCDE.⁷

Quando consideramos a juventude trabalhadora, a relação com o sindicato se apresenta ainda mais desafiadora. A esse respeito, Clemente Ganz afirma que “a dificuldade para atrair a juventude para a vida sindical é destacada no trabalho de filiação”.⁸ Embora a dificuldade de sindicalização, nesse contexto, não seja prerrogativa da juventude, desperta atenção o fato constatado por ele “de que os trabalhadores jovens parecem menos convencidos de que precisam de sindicatos fortes para proteger seus interesses”.⁹ Um esboço indicativo dessa situação atual é apresentado:

A maior dificuldade para filiar jovens sempre esteve associada ao menor tempo de vida laboral de quem inicia sua trajetória profissional (...). As desigualdades nas condições gerais de trabalho entre os jovens e parte da classe trabalhadora madura é muitas vezes abissal (...) As gerações maduras estão “entregando”, para filhas, filhos, netas e netos que chegam para a vida profissional, um mundo do trabalho muito ruim, com salários menores, postos precários, inseguros, trajetória protetiva socialmente desvalorizada, um presente sem futuro, um vir

6 Cf. o estudo do IPEA de: CAMPOS, A; SILVA, S. **Impactos estruturais da Reforma Trabalhista de 2017 sobre os sindicatos de trabalhadores do Brasil**. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12048/1/BMT_75_Impactos_estruturais.pdf.

7 IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Filiação sindical de trabalhadores no Brasil (2012-2022)**: indicadores, contexto institucional e fatores determinantes. Brasília: IPEA, 2024.

8 GANZ, C. **Sindicalização entre os jovens**. Disponível em: <https://agenciasindical.com.br/a-sindicalizacao-entre-os-jovens-clemente-ganz-lucio/>.

9 Ibidem.

Os trabalhadores em educação não estão alheios a essa tendência, evidentemente. Conquanto a organização sindical dessa categoria seja notória, pelo menos desde o período das assim chamadas *lutas por liberdades democráticas*,¹¹ os desafios hodiernos à sindicalização se fazem presentes. A situação é ainda mais sensível, por seu turno, quando se trata da juventude dos trabalhadores da educação, em que pese a pouca informação disponível a respeito.

Frente a esse contexto, a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) atua para fortalecer a luta dos trabalhadores por meio de sua organização sindical. Buscando fornecer um estudo que permita conhecer em profundidade a juventude dos trabalhadores da educação no Brasil, bem como identificar possíveis disparidades entre os jovens trabalhadores e o conjunto da categoria, a CNTE e a Escola Nacional Paulo Freire (ENPF) realizaram em 2024 a pesquisa “A juventude trabalhadora da educação”. Trata-se de um importante instrumento de organização e luta da classe trabalhadora, pois ela visa levantar dados e realizar reflexões que fortaleçam as atuações sindicais existentes e permitam a elaboração e realização de novas e futuras atuações em defesa dos trabalhadores.

O presente artigo não tem como objetivo mostrar os dados da pesquisa, mas apresentar e divulgar o seu *processo de construção e realização*, visto ser a *pesquisa militante* uma importante ação da classe trabalhadora organizada. Assim, além desta breve introdução, o artigo apresenta, em segundo lugar, a especificidade de uma *pesquisa militante*, cuja própria realização é um instrumento de mobilização e formação dos militantes. Em terceiro lugar, o processo de construção coletiva da pesquisa, suas principais características e sua realização. Em seguida, uma breve consideração sobre alguns resultados. Por fim, apontaremos algumas considerações finais.

Especificidade metodológica: pesquisa militante

A pesquisa realizada pela parceria entre a Escola Nacional Paulo Freire e a Confederação dos Trabalhadores em Educação tem a especificidade de ser uma *pesquisa militante*. Seria adequado, desta feita, ressaltar que ela se insere

10 Ibidem.

11 FERREIRA, M. Somos todos trabalhadores em educação? Reflexões sobre as identidades docentes desde a perspectiva sindicalista. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 225-240, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/8jJ6XfZjQ9JLpmQVSbrhtyn/?lang=pt&format=pdf>.

numa longa trajetória de lutas da classe trabalhadora. Para bem situarmos a especificidade desse tipo de pesquisa, convém resgatarmos brevemente sua gênese histórica, o que permitirá salientar algumas de suas características.

O que hoje chamamos de pesquisa militante possui em sua retaguarda um acúmulo histórico das lutas da classe trabalhadora contra a exploração e opressão. A pedra fundamental dessa construção consiste na primeira investigação levada a efeito *pela* classe trabalhadora, *para* conhecer a classe trabalhadora e em favor dos *interesses* e objetivos da própria classe trabalhadora, qual seja, o questionário elaborado por Karl Marx para a revista francesa *Revue Socialiste*, em 1880. Esse trabalho, chamado *Questionário para trabalhadores*, é precedido por um curto prefácio de notável importância, do qual destacamos:

Esperamos contar com o apoio de todos os trabalhadores da cidade e do campo, que percebem que somente eles podem descrever com pleno conhecimento de causa os sofrimentos que suportam; que somente eles, e nenhum salvador providencial, podem remediar energicamente a miséria social sob a qual sofrem; também contamos com os socialistas de todas as escolas, que, uma vez que aspiram à reforma social, também devem desejar um conhecimento preciso e confiável das condições sob as quais a classe trabalhadora, a classe à qual o futuro pertence, trabalha e se move. / Esses cadernos de trabalho [i.e., a pesquisa resultante da aplicação dos questionários] são o primeiro passo que a democracia socialista deve dar para se preparar para a renovação social. / As cem perguntas listadas abaixo são as mais importantes. (...) O nome do trabalhador que responder não será publicado (...), mas cada respondente deve fornecer seu nome e endereço para que possamos entrar em contato, se necessário.¹²

Considerando com atenção, notamos que essas poucas linhas condensam os pressupostos teórico-metodológicos de um tipo específico de pesquisa. Em primeiro lugar, em virtude de que o objeto do conhecimento é a forma societária, ao afirmar que “somente eles [os trabalhadores] podem descrever com pleno conhecimento de causa”, Marx ressalta que o teórico não é externo ao objeto, de sorte de que a posição do teórico é determinante do conhecimento produzido. Disso seguem duas consequências de extrema importância, a saber, que o conhecimento produzido nunca é neutro, por um lado, e, por outro, que o conhecimento da situação da classe trabalhadora deve partir da posição dos trabalhadores.

Em segundo lugar, o conhecimento produzido por esse tipo de pesquisa não consiste numa elaboração diletante do intelectual em seu gabinete, cuja razão de ser seria o conhecimento por si mesmo. Ao contrário, visto que a intenção declarada é conhecer a sociedade capitalista para fazer uma “reforma social” capaz da “renovação social”, o conhecimento produzido pela classe trabalhadora tem a intenção declarada de conhecer a realidade para transformá-

¹² MARX. Fragebogen für Arbeiter. In: **Marx und Engels Werk. Band 19**. Berlin: Dietz, 1987, p. 569. Tradução e interpolação de Rafael Versolato.

la. Para tanto, a realização da pesquisa e produção dos “cadernos de trabalho”, mencionados por Marx, devem ser “o primeiro passo”. A ação dos trabalhadores sem a teoria se converte em mero ativismo. Por isso, a pesquisa deve ser realizada com rigorosidade, a fim de proporcionar um “conhecimento preciso e confiável” (*genaue zuverlässige Kenntnis*).

Consequentemente, em terceiro lugar, dado que os interesses e objetivos dessa transformação social são os da classe trabalhadora, os trabalhadores são o sujeito da pesquisa. Não apenas enquanto produtores do conhecimento, os trabalhadores também são o sujeito quanto à efetivação da transformação social. O assistencialismo, destarte, é eliminado, porquanto a transformação social não será obra de “nenhum salvador providencial”.

Por fim, além de produzir o conhecimento a partir da posição dos trabalhadores, de conhecer um objeto para transformá-lo e de que o sujeito do conhecimento e da transformação devam ser os próprios trabalhadores, o quarto ponto diz respeito ao fato de que a própria execução da pesquisa é um instrumento de mobilização e organização política dos trabalhadores, em duplo sentido. Ao afirmar que a realização da pesquisa conta com o apoio “de todos os trabalhadores da cidade e do campo”, bem como conta com “os socialistas de todas as escolas”, Marx mostra que a própria execução da pesquisa põe em movimento os trabalhadores, sobretudo os já integrantes de organizações de classe. Isso não é tudo, também notamos que a execução da pesquisa é um meio de “entrar em contato” com os trabalhadores não organizados e estabelecer um canal de comunicação, de maneira que essa conexão estabelecida pelas organizações de classe opera como uma ferramenta de organização.

Convém ressaltarmos um episódio da história das lutas da classe trabalhadora, no qual esse tipo de pesquisa assumiu centralidade. O movimento operário italiano do início dos anos 1960, conhecido como *operaismo*, unia a ação política com acurada elaboração teórica, dentro da qual a pesquisa era imprescindível, como o mostra Dario Lanzardo.¹³ Evidentemente, esse não foi o único momento depois de Marx em que a classe trabalhadora realizou pesquisas, tampouco o seu contexto específico é o mesmo que o nosso, contudo mencionamos o episódio italiano porque nele a pesquisa foi assumida claramente como “método de trabalho político”¹⁴. Afinal, para organizar a classe é preciso conhecê-la, para conhecê-la é preciso fazer pesquisa. As questões elaboradas por Marx estavam divididas em 4 partes, o trabalho de Lanzardo mostra que cada uma delas tinha função específica e que todas eram unidas por um “fio condutor”,¹⁵ de sorte que a ação de responder o questionário tinha um *efeito pedagógico* que poderia contribuir para a organização dos trabalha-

13 Para uma apresentação da retomada da pesquisa elaborada por Marx pelos *operaistas*, a fim elaborar novas pesquisas para compreender as condições dos trabalhadores cf.: LANZARDO, D. Intervento socialista nella lotta operaia: l'inchiesta operaia di Marx. In: **Quaderni Rossi** 5. Firenze: Istituto Rodolfo Morandi, Aprile, 1965.

14 Idem, p. 1. Tradução Rafael Versolato.

15 Idem, p. 7. Tradução Rafael Versolato.

dores. Ao mesmo tempo, a pesquisa realizada pelos *operaistas*, chamada *con-
ricerca*, ao colocar a classe trabalhadora como sujeito, explicita que a figura do
pesquisador não é aquela do indivíduo que “já sabe” e “descreve” seu objeto de
maneira “neutra” e “exterior”, mas a do militante, que se forma e se organiza ao
pesquisar.¹⁶

As lutas da classe trabalhadora não compõem uma linearidade causal
e mecânica, mas são plurais e não lineares. Na América Latina, a utilização da
pesquisa como instrumento de luta da classe trabalhadora também encontra
um solo fértil nos anos 1960. Carlos Brandão fornece adequadamente um pan-
orama:

na América Latina, no começo dos anos sessenta algumas modalidades de ação
social-popular estavam sendo gestadas nos campos da cultura popular, e de
outras práticas sociais junto a comunidades tradicionais e a movimentos po-
pulares. (...) Recordemos também a evidência de que, uma vez mais, entre a
aurora dos anos sessenta e o entardecer dos oitenta, em boa medida tudo o
que aqui na América Latina foi transformado de “regulador” em “emancipador”,
originou-se de uma aproximação fecunda – e nem sempre tranquila – entre
uma pluri-vertente marxista e uma outra, de vocação humanista.¹⁷

O profícuo encontro entre Paulo Freire e Fals Borda proporcionou, na
América Latina, a utilização da educação popular como ferramenta para o tra-
balho de base.¹⁸ Conhecer a realidade para transformá-la, reconhecer os sabe-
res dos trabalhadores e promover a sua organização em classe, caracterizam,
nesse contexto, a pesquisa militante:

saímos a campo para testar a interdisciplinaridade, reformular conceitos e tra-
balhar com as pessoas que estão na base da sociedade (...). O conceito guia
era colocar o conhecimento a serviço dos interesses populares. (...) O obser-
vador [e pesquisador] militante ou quadro treinado em técnicas de pesquisa
social e comprometido com a causa popular, traduz o compromisso em reali-
dade, reconhecendo todas as suas consequências. O resultado é uma técnica
de inserção muito mais decisiva e eficaz do que as mencionadas acima. Essa
técnica pode ser chamada de pesquisa militante.¹⁹

Esse breve percurso delineou o que temos em vista quando nos refe-

16 Idem, p. 19. Tradução Rafael Versolato.

17 BRANDÃO, C. **A pesquisa-ação-participativa e algumas experiências comparti-
das de saberes**. Disponível em: [https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/escritos/
PESQUISA/PESQUISA%20PARTICIPANTE/A%20PARTICIPA%C3%87%C3%83O%20DA%20
PESQUISA%20E%20A%20PESQUISA%20PARTICIPANTE%20-%20rosa%20dos%20ventos.
pdf](https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/escritos/PESQUISA/PESQUISA%20PARTICIPANTE/A%20PARTICIPA%C3%87%C3%83O%20DA%20PESQUISA%20E%20A%20PESQUISA%20PARTICIPANTE%20-%20rosa%20dos%20ventos.pdf). p. 3. Acesso em: 20 jan. 2025.

18 Cf. Idem, p. 4

19 BORDA, F. **Causa popular, ciencia popular**. Una metotología del conocimiento cien-
tífico a través de la acción. Bogotá: Rosca, 1972, p. 34-36. Tradução e interpolação Rafael Ver-
solato.

rimos à pesquisa militante, bem como algumas de suas características, que orientaram a pesquisa realizada pela ENPF e a CNTE. Por fim, convém ressaltar que a pesquisa militante é utilizada pelas organizações da classe trabalhadora ao redor de todo o mundo como instrumento de mobilização e como produção de conhecimento para orientar a luta dos trabalhadores. Por exemplo, a Associação Democrática de Mulheres de Toda a Índia (AIDWA) conta atualmente com mais de 11 milhões de mulheres organizadas e utiliza a pesquisa militante como ferramenta de luta contra desemprego, trabalho infantil, questões de gênero, opressões de casta etc.²⁰

A pesquisa em processo

A pesquisa “A juventude trabalhadora da educação” foi uma ação coletiva que envolveu tanto a CNTE quanto a ENPF na composição da Coordenação Político-Pedagógica (CPP).²¹ Em razão de ser uma pesquisa militante, a forma e o conteúdo da pesquisa são indissociáveis, de sorte que a maneira como ela foi executada constituiu seu conteúdo. Isso exigiu que ambas as organizações envolvidas tivessem um interesse comum, a luta pela defesa dos interesses dos trabalhadores.

A Escola Nacional Paulo Freire (ENPF) é uma organização da classe trabalhadora que surgiu do diálogo entre diversos movimentos sociais.²² A sua existência está organicamente vinculada à história dos trabalhadores. Ela se situa na região do Alto do Ipiranga (SP), num local que abrigou, em meados do século XX, uma fábrica de móveis gerida pelos próprios trabalhadores; posteriormente, esse local abrigou o Centro Pastoral Vergueiro (CPV), um centro de formação e documentação da classe trabalhadora, que possuía estreitos vínculos com o movimento sindical da região do ABC paulista.²³ Utilizando a educação popular como ferramenta para a realização do trabalho de base, a ENPF tem como objetivo proporcionar para movimentos sociais e organizações da classe trabalhadora tanto um espaço de formação política quanto a assessoria por meio da realização de pesquisas, cursos, atividades culturais, eventos e ações comunitárias.

A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) expressa a consolidação da organização política dos trabalhadores em educação, cuja história é marcada por muita luta. Em 1945, os professores da escola públi-

20 Cf. a esse respeito: **Pesquisa militante**: como a associação democrática de mulheres de toda a Índia constrói o conhecimento para mudar o mundo. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, dossiê 58, novembro de 2022.

21 Compuseram a CPP: Bruno Vital, Carlos Henrique Menegozzo, Lauro Carvalho, Luiz Felipe Krehan, Rafael Versolato, Vitor Alcantara Machado.

22 Uma concisa apresentação do projeto da ENPF, bem como das suas frentes de atuação pode ser encontrada na Revista TI.JO.LO, disponível em: <https://online.fliphtml5.com/pvcst/ogmv/#p=1>. Acesso em: 20 jan. 2025.

23 Para uma apresentação da autogestão Unilabor cf.: CLARO, M. **Dissolução da Unilabor**: crise e falência de uma autogestão operária – São Paulo, 1963-1967. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. 2012.

ca primária começaram a se organizar em associações e, em 1948, teve início a luta pela escola pública e gratuita, com o envio do primeiro projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) ao Congresso Nacional. Em 1960, foi fundada a Confederação dos Professores Primários do Brasil (CPPB) que, ao incorporar, em 1979, os professores secundários dos antigos ginásios, passou a se chamar Confederação dos Professores do Brasil (CPB). Ela consolidou-se como entidade federativa no período de 1982 a 1988, quando se filiou à Central Única dos Trabalhadores (CUT). A CPB, ao unificar as várias Federações setoriais da educação numa mesma entidade nacional, passou a se chamar CNTE.²⁴

No contexto atual, a análise dos jovens trabalhadores da educação reveste-se de uma importância cada vez mais significativa. Esta pesquisa surge como resposta à necessidade premente de compreender e abordar as dinâmicas que envolvem essa parcela da força de trabalho do setor educacional brasileiro. Balizado por fatores socioeconômicos, em geral o movimento sindical define o critério de juventude até os 35 anos de idade. Outras organizações, como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), também adotam a mesma categorização, devido à prolongada transição entre a formação da força de trabalho e o mercado de trabalho. Em relação aos trabalhadores da educação, no Brasil, essa faixa etária também abrange um período da carreira caracterizado por condições de trabalho mais precárias e uma situação mais vulnerável dos trabalhadores, razão pela qual a ação sindical para organizá-los e defender seus direitos é mais premente. Embora seja esse o universo da pesquisa, ela também trará alguns dados sobre os não jovens, a fim de qualificar algumas análises.

Enquanto pesquisa militante, o primeiro passo foi colocar a juventude trabalhadora da educação como sujeito. Um encontro nacional e presencial com as direções estaduais do Coletivo de Juventude da CNTE foi realizado nos dias 28 e 29 de novembro de 2023, em Brasília, no qual estavam representados 17 estados. Os trabalhadores foram ouvidos quanto à situação da educação, desafios da juventude, condições de trabalho, possibilidades de transformação etc. Noutras palavras, tratava-se, por um lado, de compreender o que seria para a categoria o que Paulo Freire chamava de “situações-limite”²⁵ e, por outro, extrair o “universo temático”.²⁶ Soma-se a isso que a organização da metodologia do encontro, isto é, a proposta pedagógica de definição dos espaços, a organização temática e participativa etc., mostra de maneira clara a conexão metodológica com a educação popular, sem a qual a pesquisa não seria viável. Isso não é tudo, como se vê, o próprio encontro foi um espaço de formação, organização e mobilização dos militantes sindicais, no qual também foram atribuídas tarefas e responsabilidades para organização futura.

24 O processo de formação da CNTE pode ser conferido em: PEREIRA, C. **Da CPB à CNTE: história da organização político-sindical dos trabalhadores em educação no Brasil (1893 a 1991)**. São Paulo: USINA, 2021.

25 Cf. FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 115-132.

26 Idem, p. 133-166.

Do diálogo entre CNTE e ENPF surgiram duas questões norteadoras do trabalho, quais sejam: qual é o perfil dos jovens trabalhadores da educação? Por qual motivo os jovens trabalhadores não têm se filiado ao sindicato? Assim, a pesquisa foi estruturada em dois eixos.

O primeiro eixo, ou a primeira fase da pesquisa, busca responder à primeira questão. Para tanto, faz-se preciso levantar dados que permitam compreender o perfil desses jovens. Por isso, essa fase está mais relacionada com um trabalho de engenharia de dados, uma vez que as fontes de pesquisa são bancos de dados disponíveis. As principais bases de dados utilizadas foram o Censo escolar de 2020,²⁷ o Censo escolar de 2023,²⁸ o Sistema nacional de orçamentos públicos em educação (FNDE),²⁹ o Censo do IBGE de 2022,³⁰ o Painel de monitoramento do Plano Nacional da Educação³¹ e a Relação anual de informações sociais do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS/MTE).³² Podemos dizer que essa fase da pesquisa teve um caráter mais quantitativo, mas não apenas isso, porquanto durante todo o período de execução dessa etapa foram realizadas reuniões virtuais com coletivos de juventude da CNTE discutindo os desafios de cada momento e nossas possibilidades de encaminhamento da pesquisa. Ou seja, a execução também foi um trabalho coletivo que envolveu os dirigentes sindicais, de maneira que ela foi um processo de mobilização e organização política.

Os resultados obtidos nesta fase da pesquisa foram organizados em dois materiais distintos, um relatório e um painel interativo na internet. Tanto a estrutura do relatório quanto a disposição dos dados no painel interativo foram dialogados com a CNTE. Para a confecção do painel e para o tratamento dos dados, a pesquisa contou com a colaboração da cooperativa Educação, Informação e Tecnologias para a Autogestão (EITA).

A EITA é oriunda de um coletivo de militantes, que tinha o mesmo nome, fundado em 2011. Para suprir a lacuna entre as necessidades dos movimentos sociais e a compreensão desalinhada das empresas de software, sobretudo por razões políticas, um grupo de militantes fundou o coletivo que daria origem à cooperativa. Sendo a razão de existência da EITA colaborar com movimentos sociais do campo popular, ela se orienta pelos princípios da autogestão, software livre e desenvolvimento participativo. Assim, a EITA não participou apenas da parte técnica de criação do painel, mas também politicamente, no

27 BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da educação básica 2020.

28 BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da educação básica 2023.

29 BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. SIOPE. 2022.

30 BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022

31 Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoieTYQ1MmJiNWMTOTk1ZS00NmMxLTk5OGQyYjRlMTI4OWI5YWw4IiwidCI6IjI2ZjczODk3LWM4YWw0NGl4ZS05NzhmLWVhNGMwNzc0MzRiZiJ9>. Acesso em: 20 jan. 2025.

32 BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais. 2022.

debate sobre os dados da pesquisa.³³

O segundo eixo ou segunda fase da pesquisa busca compreender a relação dos jovens com o sindicato, para tanto foi preciso obter dados que indicassem os interesses e aspirações, valores e perspectivas, desses jovens trabalhadores. Assim, o segundo eixo consistiu na elaboração e aplicação de um questionário, de lavra coletiva e que abordasse os treze pontos levantados pelo Coletivo de Juventude no encontro de 2023 supramencionado. Podemos dizer que o caráter desta segunda fase é mais qualitativo e, em virtude de que ela não se propõe a levantar dados representativos quantitativamente, em termos estatísticos, a opção metodológica mais adequada foi a *amostragem não probabilística intencional*, uma vez que a não aleatoriedade permitiria trabalhar com maior precisão a intencionalidade política da pesquisa.³⁴

A construção do questionário por meio do debate coletivo – que envolveu os pontos levantados no encontro de 2023, discussão sobre as questões, avaliação pelo coletivo de juventude da versão inicial e a incorporação das alterações sugeridas –, mostra que se tratou de um processo de discussão, formação e mobilização dos sindicalistas envolvidos. Foi utilizado um software livre de código aberto destinado à coleta de dados para ações humanitárias. Outro fator de atenção é o fato de que os questionários foram aplicados pelos próprios sindicalistas e professores próximos ao sindicato, de maneira que a própria aplicação foi um fator de engajamento, formação e organização política de quem executou a tarefa; além disso, serviu como ferramenta de aproximação a trabalhadores não organizados. Soma-se a isso o fato de que o questionário foi composto de quatro partes, a saber, *caracterização pessoal, condições de trabalho, percepção do sindicato e perfil político*, de sorte que o ato de responder teria uma função pedagógica. Os resultados dessa segunda fase foram organizados em um relatório.

Torna-se visível, pelo exposto acima, a razão pela qual o resultado de uma pesquisa militante vai muito além do levantamento de dados. Uma vez que nesse tipo de pesquisa forma e conteúdo são indissociáveis, vemos que a maneira como a pesquisa é construída e executada é constituinte do conteúdo político da pesquisa enquanto instrumento de formação, mobilização e organização da classe trabalhadora. Resta, pois, uma breve consideração sobre os resultados.

33 Para maiores informações sobre a formação, orientação política e princípios da cooperativa EITA, cf.: TYGEL, A. et al. Augogestão e tecnologia da informação a serviço dos movimentos sociais: a experiência da cooperativa EITA. In: NEDER, R; HENRIQUES, F. (org.). **Um horizonte de lutas para a autogestão**. Marília: Lutas Anticapital, 2024.

34 Uma descrição mais detalhada dos tipos de amostragem pode ser encontrada em: CASTANHEIRA, N. **Estatística aplicada a todos os níveis**. Curitiba: Ibpex, 2012, p. 198-200.

Vejamos alguns pontos que merecem atenção. Dentre os resultados obtidos pela pesquisa destacamos, em primeiro lugar, os dois relatórios mencionados. Os resultados, todavia, não se reduzem a eles.

Os dados levantados pela realização do primeiro eixo da pesquisa são apresentados pelo Relatório 1.³⁵ O foco desse levantamento foram os jovens trabalhadores da Educação Básica pública no Brasil. Verificamos qual é a quantidade de jovens no interior da categoria, considerando também a série histórica, a fim de identificar tendências de envelhecimento ou renovação; além disso, sua distribuição por rede e etapa de ensino. Os dados de gênero/sexo e raça/cor permitem detectar a composição interna dos jovens em relação à composição total da categoria. A respeito da formação, os dados permitem compreender a qualificação inicial dos jovens e o processo de qualificação ao longo da carreira, bem como se a formação inicial se deu em instituições públicas ou privadas, revelando especificidades em relação aos não jovens. O local de residência e presença de jovens com deficiência permitem identificar desafios específicos. Os dados sobre os vínculos empregatícios, a carga horária e a questão salarial relacionados à distribuição por rede, nível, etapa e modalidade educacional permitem detectar vulnerabilidades. Em conjunto, os dados permitem desenhar um perfil detalhado dos jovens e uma visão abrangente da realidade desses trabalhadores da educação, com o intuito de que essas informações possam embasar as ações sindicais. Por isso, o Relatório 1 apresenta ao final 14 sínteses das principais descobertas e tendências e 5 reflexões para a ação sindical.

O Relatório 2, por seu turno, apresenta os dados obtidos pela realização do segundo eixo da pesquisa, que buscou levantar um amplo espectro de informações, desde dados sociodemográficos até questões relacionadas ao engajamento sindical e referenciais políticos.³⁶ Sendo o foco desse eixo da pesquisa mapear as condições de vida dos jovens respondentes, o bloco de questões acerca da *caracterização pessoal* levanta dados como idade, gênero, raça etc; o bloco destinado à *caracterização profissional* busca obter dados sobre vínculos empregatícios, funções desempenhadas, expectativas sobre a carreira etc. Assim, esses dois blocos em conjunto desenharam um panorama desses jovens, a partir disso o questionário busca identificar as especificidades desse grupo e, com isso, possibilidades de ações para o fortalecimento sindical. Os dados obtidos pelo terceiro bloco de questões, sobre a *percepção do sindicato*, buscam detectar os fatores que incentivam ou dificultam a organização política e a sindicalização. Por fim, as questões do último bloco sobre a

³⁵ Esses dados não serão apresentados aqui, mas podem ser verificados em: CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. **Relatório 1 – A juventude trabalhadora da educação**. São Paulo: CNTE, 2024.

³⁶ Esses dados não serão apresentados aqui, mas podem ser verificados em: CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. **Relatório 2 – A juventude trabalhadora da educação**. São Paulo: CNTE, 2024.

cultura política visam mapear os valores, motivações e limites do engajamento político. Os quatro blocos, em conjunto, buscam oferecer um complexo de informações que subsidiem e embasem a elaboração e execução de estratégias sindicais.

A respeito da quantidade de questionários, no total foram coletados 1.706, dos quais 1.198 foram considerados válidos. A principal razão para a exclusão de questionários foi a participação de trabalhadores com mais de 35 anos, os quais não fazem parte do universo definido pela pesquisa. Assim, a composição final da amostra válida foi de 87,56% de docentes e 12,44% de outros trabalhadores da educação. Considerando que o universo estimado de jovens trabalhadores da educação é de 800.000 – informação obtida pelos microdados da fase 1 –, temos para os 1.198 respondentes uma margem de erro da pesquisa de 2,83%, com um nível de confiança de 95%, de maneira que temos um resultado que pode ser considerado satisfatório. Ao final, o Relatório 2 sintetiza, desta feita, os resultados mais relevantes obtidos nesta fase e apresenta sugestões de propostas concretas para aumentar o engajamento dos jovens no movimento sindical.

Por se tratar de uma pesquisa militante, entretanto, o conteúdo e os resultados obtidos não se limitam aos dados obtidos. Ao longo da realização de toda a pesquisa muitas foram as ações realizadas que proporcionaram espaços de formação e fortalecimento da organização política dos jovens trabalhadores da educação, bem como a aproximação de novos militantes. Mencione-mos alguns exemplos: foram realizadas reuniões presenciais em sindicatos e online para apresentar e debater a pesquisa; a produção e distribuição de materiais impressos em escolas, encontros regionais de juventude, assim como a divulgação em grupos de redes sociais, fomentando o debate e colocando em evidência as ações sindicais; a abertura da segunda fase e o lançamento dos questionários envolveu a realização de uma *live* com a participação de lideranças da CNTE e da juventude do sindicalismo brasileiro.³⁷ Isso não é tudo, quanto à aplicação dos questionários ressaltamos o caráter pedagógico que o seu preenchimento pôde proporcionar aos trabalhadores não organizados ao serem problematizados pontos referentes a interesses, condições de trabalho e direitos conquistados.

Além dessas ações realizadas ao longo da pesquisa, também fazem parte dos resultados as ações que se seguem após a conclusão dos relatórios. Em primeiro lugar, destacamos que 41,82% dos respondentes não são sindicalizados, mostrando que a realização da pesquisa foi instrumento de comunicação e acesso a trabalhadores que podem vir a ser organizados futuramente. Além disso, o painel interativo disponibiliza dados estatísticos que poderão ser acessados por trabalhadores (já organizados no sindicato ou não) para realizar ações futuras. Por fim, em virtude de a pesquisa ter sido realizada para

conhecer a juventude trabalhadora da educação a fim de intervir na realidade, o material obtido será utilizado para embasar discussões sobre ações futuras, dentre as quais destacamos o encontro nacional do Coletivo de Juventude da CNTE a ser realizado em junho de 2025, quando está previsto um debate sobre o conteúdo da pesquisa e possibilidades de ações sindicais.

Considerações finais

Conhecer a realidade para transformá-la — eis um imperativo que há muito tempo orienta a luta dos trabalhadores. A pesquisa “A juventude trabalhadora da educação” de maneira alguma está alheia a ele.

Um dos méritos inegáveis desta pesquisa foi produzir, sistematizar e disponibilizar um conhecimento sobre essa importante parcela da classe trabalhadora brasileira, ao mesmo tempo em que esse trabalho foi um instrumento de formação, mobilização e organização política dos trabalhadores. Vimos que esse conhecimento possui especificidades, as quais são inalcançáveis a partir de uma fictícia “neutralidade”.

Entra em evidência, destarte, um segundo mérito de relevo da presente pesquisa, qual seja, o fato de que é imperioso que as organizações da classe trabalhadora produzam o seu próprio conhecimento para transformar a realidade. Assim como a pesquisa levada a efeito pela CNTE e ENPF faz parte da história das lutas da classe trabalhadora, assim também esperamos que a sua divulgação estimule outras organizações de trabalhadores. Afinal, desde 1871 a primeira consideração dos *Estatutos gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores* já asseverava que “a emancipação da classe trabalhadora deve ser conquistada pela própria classe trabalhadora”.³⁸

38 MARX. Allgemeine Statuten und Verwaltungs-Verordnungen der Internationalen Arbeiterassoziation. In: **Marx und Engels Werk. Band 17**. Berlin: Dietz, 1962, p. 440. Tradução Rafael Versolato.